

De migrante para migrantes: o caso do serviço psicossocial da Missão Scalabriniana da Paz

*Berenice Young**

1 INTRODUÇÃO

Este texto aborda sobre o Serviço Psicossocial (SPss) do Eixo Saúde da Missão Scalabriniana da Paz, ou Missão Paz, primeiro serviço gratuito de acompanhamento psicológico, pensado para todo tipo de migrantes que buscam essa instituição dedicada ao trabalho de acolhimento e integração. Relata-se o contexto do seu início, esboçando-se os primeiros serviços “psi”; seus pressupostos teórico-metodológicos, entre os quais o olhar e o fazer com base no concreto vivido; seu funcionamento e definições pertinentes; as situações observadas na sua prática; os desafios e as palavras finais.

Esta é uma tentativa de sistematização de uma prática, apoiada em publicações prévias (YOUNG, B., 2014b; YOUNG, B.; SILVA, E., 2018), e um trabalho não publicado². Ademais, almeja-se seguir difundindo o serviço para migrantes, que possam necessitar dele, e para profissionais que trabalham com esta população, visando ações mais articuladas.

2 O INÍCIO

O serviço de “psi”, serviço de psicologia, nasceu da iniciativa de uma psicóloga peruana³, para a qual tornar-se imigrante foi de tal magnitude (da qual, como a maioria dos migrantes, não tinha a mínima ideia) que empreendeu a tarefa de criar uma ponte entre o que foi e o que era, entre o que deixou e o que encontrava, entre o Peru e o Brasil, entre passado e presente. Empreitada que também mostrou fazer sentido na vida profissional, ajudando outras pessoas a seguirem seus percursos e a construir suas próprias pontes⁴. Processo vivencial amadurecido ao longo do tempo.

* Psicóloga pela “Universidad Peruana Cayetano Heredia”, Mestre em Psi. Social e Doutora em Psi. Escolar e do Desenvolvimento Humano, ambos pela Universidade de São Paulo e iniciadora do Serviço Psicossocial na Missão Paz. “E mail”: berenice98@uol.com.br.

Em 1998, ela tomou contato com a Pastoral Católica Latino-americana do Migrante⁵, para divulgar um trabalho de intervenção de Biodanza⁶ com migrantes. Ciente da inexistência de atendimento psicológico especializado para migrantes no serviço público, ou outros de acesso livre e gratuito (pela experiência própria, das seis pessoas migrantes com as quais estava trabalhando e outras com as quais tinha conversado), propôs criar um serviço de acompanhamento psicológico de caráter voluntário. A proposta foi aceita em 2001.

O Centro Pastoral do Migrante (CPM), instituição que representava a Pastoral Latino-americana do Migrante, acolheu o serviço de “psi” na Missão Scalabriniana. Esta, na época da acolhida da proposta, era formada pela Associação de Voluntários para a Integração do Migrante (AVIM)⁷, o Centro de Estudos Migratórios (CEM) e as paróquias das coletividades nacional-linguísticas (italiana e “latino-americanas”: chilena, boliviana, paraguaia e peruana, até esse momento⁸).

A Missão Scalabriniana é gerenciada pela Congregação Católica dos Missionários de São Carlos (Scalabrinianos), cujo objetivo foi o de acompanhar os emigrantes italianos no seu êxodo aos Estados Unidos da América, desde o final do século XIX, mais precisamente desde 1887, e, depois, estendendo os seus serviços aos migrantes de outras nacionalidades, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, ou do ano de 1960. No caso da Missão Scalabriniana da Paz, todos os serviços oferecidos estavam na sede da Rua do Glicério 225, Liberdade, local de sua matriz até hoje (2019), a Igreja Nossa Senhora da Paz. Em 2012, depois de um processo de unificação, ela tomou o nome de Missão Paz (MP)⁹, acrescentando ao nome do Centro Pastoral do Migrante - CPM, o termo “Mediação” e passando a ser o Centro Pastoral e de Mediação do Migrante - CPMM.

Assim, o serviço de “psi” começou no início de agosto de 2001 para o público do Centro Pastoral dos migrantes - CPMe, na semana seguinte, para o público da AVIM, que, mais tarde, seria transformada em Casa do Migrante. Tanto no CPM, quanto na AVIM, o serviço era disponibilizado para os migrantes internos nacionais como para os migrantes internacionais.

Tratava-se de um serviço voluntário e gratuito de acompanhamento psicológico especializado para esse público. Já em 2013, o serviço de “psi” foi integrado à estrutura formal da Missão Paz, no Eixo Saúde, o qual faz parte das estruturas do atual CPMM – Centro de Pastoral e Mediação dos Migrantes, antigo CPM. .

O que se dava em matéria de atendimento da saúde mental, psicológica e emocional de migrantes e refugiados eram internamentos ou atendimentos pontuais para casos críticos da parte de alguns equipamentos públicos. Porém, não era algo estabelecido nem regularmente realizado no SUS. Pois, no meio das dificuldades e lutas que significaram criar esse sistema, parecia haver um entendimento de que era universal somente para alguns brasileiros, aspecto ainda vigente em 2015: “Consolidar uma política a partir do reconhecimento

da existência da intolerância, discriminação e xenofobia trouxe o debate sobre a dificuldade da universalidade do SUS para além da imigração” (CARNEIRO Jr. et al, 2018). Como se menciona nesse texto e no de Gaeta et al (OPAS, 2017), alguns avanços foram alcançados com o movimento que se formou em prol do atendimento à saúde de migrantes e refugiados, e teve como corolário a criação da Política Municipal para Imigrantes e Refugiados para a cidade de São Paulo. Porém, o cuidado mental e psicológico sempre foi o mais delicado, muito mais em se tratando de populações de outras regiões do planeta, com línguas e sistemas de compreensão da realidade (cultura) diferentes. E, ao mesmo tempo, tão importantes para a compreensão das vivências dos migrantes. Esse serviço começou a ser oferecido por iniciativas das chamadas organizações da sociedade civil ou projetos específicos de universidades.

A seguir veremos um quadro dos primeiros serviços “psi” gratuitos. Cabe registrar que nele não parecem as associações humanitárias e de assistência social judaicas que começaram a oferecer este serviço para pessoas chegadas após a segunda guerra¹⁰.

Quadro 1 - Primeiros serviços gratuitos de atendimento psicanalítico, psicológico, psicopedagógico ou psiquiátrico para migrantes e refugiados na cidade de São Paulo

1996	Atendimento a crianças retornadas, filhas de <i>dekasséguis</i> ¹¹ , por parte de psicólogas da comunidade nipo-brasileira que, amadureceram no Projeto Kaeru para esse mesmo público (NAKAGAWA, K., 2018, p. 13).
1997→	Ambulatório Transcultural do Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade São Paulo para atendimento a refugiados, em parceria com Caritas-ACNUR ¹² e em resposta ao pedido da Secretaria Estadual de Saúde. Serviço clínico e psicoterápico gratuito, apoiado no tripé: assistência, ensino e pesquisa (SANTANA, C.; LOTUFO. 2004, pp 165; 169). Na atualidade, continua com o nome de “Programa de Psiquiatria Social e Cultural do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas- USP” ¹³ aberto aos migrantes em geral.
1998-2002	Sociedade das Crianças- Atendimento psicológico e psicopedagógico para crianças filhas de <i>dekasséguis</i> deixadas no Brasil, atendido por cinco psicólogas nipo-brasileiras, falantes de japonês e português e com alguma vivência no Japão (NAKAGAWA, K., 2018, p. 14).
2001→	Serviço Psicossocial do Centro Pastoral do Migrante da Missão Paz para todo público migrante, apresentado nesse texto com maior enfoque.

2002-2003	Espaço <i>Tadaimá</i> constituía a reformulação do Projeto <i>Taidamá</i> , iniciado um ano antes, para pessoas <i>dekasséguis</i> , retornadas do Japão que não conseguiam se recolocar no mercado de trabalho ou que tinham perdido seus empregos. Ele substituía a ótica de gestão de pessoal pela escuta psicanalítica, que possibilitava ouvir a voz dessas pessoas silenciadas pelos sofrimentos (CARIGNATO, T., 2004, pp 230-238).
2003-2009	Projeto do Serviço de Orientação Intercultural E/I Migração do Programa de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo criado e coordenado pela Dra. Sylvia Dantas De Biaggi, baseado no tripé ensino, prática e pesquisa, para todo tipo de migrante. Esse Projeto trazia como novidade o olhar da Psicologia Intercultural e o trabalho de preparo a futuros emigrantes (DANTAS, 2012 p. 195-197).
2006→	Projeto de Extensão e Cultura Psicanálise e Imigração: Grupo Veredas Coordenado pela Profa. Dra. Miriam Debieux Rosa, do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Esse projeto é iniciado na Casa do Migrante (CARIGNATO, T.; ROSA, M.; BERTA, S, 2006, p. 94), onde concentrou sua ação por dez anos, oferecendo aos migrantes ali abrigados um espaço de elaboração e criação de laços sociais no novo contexto ¹⁴ .
2008→	Projeto <i>Kaeru</i> de atendimento psicológico e psicopedagógico a crianças retornadas filhas de <i>dekasséguis</i> , regularmente matriculadas em escolas públicas na cidade de São Paulo, realizado por uma equipe especialmente preparada para esse público (NAKAGAWA, K., 2018, p. 15).
2010→	Projeto Ponte, do Instituto Sedes Sapientiae, que tem como eixos principais o atendimento clínico e o estudo da temática do estrangeiro, na articulação entre imigração e psicanálise ¹⁵ .

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

3.1 A vivência

A vivência refletida e elaborada psicologicamente constitui uma ferramenta de conhecimento importante para o trabalho com outros que compartilhem de experiências semelhantes.

Esse foi o caso da psicóloga fundadora do SPss que tentou aproveitar sua própria bagagem vivencial, lugar social e posição existencial, para compreender outros migrantes. Mesmo não colocado explicitamente, este aspecto está

presente na maioria dos profissionais, pesquisadores e estudiosos do campo da migração, que vivenciaram ou vivenciam a experiência da migração em qualquer das suas formas e não só nos primeiros pesquisadores, como observara Carignato (CARIGNATO, T.; ROSA, M.; PACHECO, A., 2002, p. 7).

Por exemplo, Koltai o expressa assim:

É com a oferta que se cria a demanda. A minha é a da minha estrangeiridade. Não por acaso, minha clínica é uma verdadeira “Torre de Babel”, em que conflui o sofrimento das segundas, terceiras ou quartas gerações de imigrantes. Imigrantes vindos de todas partes do mundo, que aqui apartaram fugindo de algo e procurando um futuro para sua descendência (KOLTAI, 2000, p. 147).

Dantas também coloca:

Interessante notar que o grupo de profissionais da Orientação Intercultural é composto por pessoas que compartilham do perfil para o qual esse serviço é voltado, tendo, portanto, uma experiência intercultural concreta de vida (DANTAS, 2012, p. 197).

Não se trata, apenas, dos fatores motivacionais por trás da escolha como disse Carignato na introdução do seu livro sobre as migrações entre Brasil e Japão: “Quando um descendente de imigrantes se propõe a investigar problemas relativos a migração, (...), não pode deixar de considerar que, na base das suas interrogações, existe uma história pessoal e familiar (CARIGNATO, 2002b, p. 25).

Trata-se de uma opção que, também, tem um aspecto político: *abrir espaço para um olhar e um fazer com base no vivido*, presente na postura pedagógica do educador Paulo Freire, matriz teórica inspiradora que abre espaço para a perspectiva migrante no trabalho com imigrantes e agrega ao saber teórico-prático, o vivencial. Pela proximidade com o campo de ação, esta perspectiva exige um cuidado maior (psicoterapia, supervisões, conversas com pares), para não cair em identificações cegas e deixar de perceber a alteridade (esse outro diferente que surpreende, questiona, estranha e força a questionar-se). Deste modo, e usando as palavras de Carignato, um trabalho assim é o resultado de um processo de elaboração psíquica (CARIGNATO, 2002b, p. 25) e existencial.

3.2 A Psicologia da Migração

Por ser a migração um “fato social completo” que, não pode ser compreendido por uma única ciência, aqui se usa a definição de Sayad por considerá-la igualmente aplicável:

(...) a imigração é um “fato social completo”, única característica, aliás, em que há concordância na comunidade científica... todo o itinerário do imigrante é, pode-se dizer, um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro entre inúmeras disciplinas, história, geografia, demografia, economia, direito, sociologia, psicologia e psicologia social, e até mesmo das ciências cognitivas, antropologia em suas diversas formas (...), linguística e sociolinguística, ciência política, etc. Por certo, a imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento no espaço físico... Mas o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos... (SAYAD, 1998, p. 15).

A Psicologia vem mostrando interesse crescente por esta área interdisciplinar da migração e constrói uma área temática sobre a base dos estudos de psicólogos de diversas abordagens teórico-metodológicas que atuam no campo. Esses profissionais tentam compreender como e por que os migrantes sentem, atuam e tomam decisões nos seus projetos de vida, em diversos contextos sociais, e as decorrências psíquicas do processo migratório nas vidas deles, nas dos seus grupos de referência (família, amigos etc.) e nos grupos de “recepção” ou sociedades “de acolhida”. As pesquisas daí decorrentes surgiram no amplo campo dos Estudos da Migração no contexto de outras abordagens teóricas (História, Geografia, Antropologia, Sociologia, Economia, Demografia, Direito).

A psicologia da migração sustenta que a experiência migratória coloca a pessoa em uma situação de crise específica, pelas rupturas com seus referenciais: afetivos, culturais, linguísticos, geográficos, etc., pela impossibilidade de vivenciar o luto consequente, pela urgência de ter de aprender a viver em um meio para o qual não foi preparada. Processo mais difícil quando a migração é forçada.

Uma brevíssima referência às diversas abordagens teórico-metodológicas da Psicologia atuante no campo da Migração são:

- A Psicologia Intercultural foi pioneira ao tratar da imigração esboçando conceitos e definições tomados da Antropologia e Sociologia e dando assim, uma nomenclatura específica a esta área. Ela entende a migração como um encontro entre culturas, “busca-se o universal a partir da compreensão do particular” (DANTAS, 2012, p. 113);
- A Psicanálise ajuda a compreender a subjetividade e dinâmica intra, inter, e trans subjetiva da pessoa, família, grupos migrantes e sociedades de recepção;
- A Psicologia dos Grupos fornece elementos de reflexão, pesquisa e trabalho ao interior dos grupos “minoritários” e “majoritários” (migrantes ou refugiados e sociedades de acolhida, respectivamente), e ajuda a entender o que se passa entre eles;

- Abordagens fenomenológicas e existenciais focalizam a migração no seu caráter fenomênico e situacional do ponto de vista das próprias pessoas, iluminando as sutilezas de como esta realidade se apresenta no aqui e agora;
- Abordagens comportamentais cognitivas ajudam a esclarecer os modos como as pessoas expressam, reforçam e ressignificam as contingências sociais e auxiliam no treinamento de habilidades culturais.

A denominação do serviço de “Psicossocial” tentou dar ênfase ao contexto social no qual cada história pessoal e familiar do seu público estava inserida, bem como à particular condição deles como migrantes, pela problemática que esta situação implica. Esta forma de focalizá-los salientou a dinâmica que se dava entre eles e o contexto, tomando-os como sujeitos ocupantes de lugares sociais particulares (YOUNG, 2014b).

Nesta ação, a profissional salienta um cuidado clínico horizontal, no qual a pessoa migrante é vista como uma participante central num fazer que perderia sentido se ela não estivesse presente e que supõe um reconhecimento da sua importância numa situação de interlocução. Portanto a escuta é dialogada, dialógica.

A escuta dialógica é um procedimento que implica uma atitude de total disposição, observação e diálogo com alguém que demanda ser atendido, em uma ambiência tal que essa pessoa seja considerada uma interlocutora válida para o sucesso desse processo comunicativo, intercultural e terapêutico. Esse total se dispor da(o) profissional significa uma suspensão das suas próprias necessidades, ciente que está numa relação de cuidado. As verbalizações diálogos e silêncios pela parte da(o) profissional visam o espaço para a troca e o esclarecimento do que está sendo comunicado.

No caso das pessoas em trauma ou estados pós-traumáticos, que falavam laconicamente, relatando fragmentos com um olhar distante ou eram tomadas num pranto que não lhes permitia articular palavra, essa escuta dialógica tomava a forma de um acolhimento que dissesse sem dizer: “O que é que você quer, do que você precisa?”. Oferecia-se um silêncio receptivo, no qual a emoção pudesse se exprimir e depois falava-se o estritamente necessário. Talvez essas pessoas precisassem de uma testemunha das injustiças sofridas e dos horrores presenciados; alguém em quem depositar a memória, num lugar onde elas não tinham história. Por outro lado, dar nome à coisas inomináveis poderia tirar essas pessoas desse momento cristalizado.

3.3 Como funciona

O SPss funciona com a psicóloga da equipe, presente, dois dias por semana, e com a colaboração de psicólogos voluntários, entre os quais a equipe Veredas, coordenada pela Dra. Miriam Debieux Rosa. Ressalta-se que esta foi a primeira

a unir-se ao trabalho na CdM em 2006. Além deles, participam e participaram vários outros profissionais ao longo do tempo: Silvia Regina Viodres-Inoue: setembro de 2016 até o momento presente; Renata Reali: fevereiro/2019 até o momento presente; Ong Habitare, coordenada pela Dra. Tereza Marques de Oliveira, no ano de 2018; Mariana Cipullo das Neves: novembro /2016 até janeiro/2018; Liazid Benarab: fevereiro/2016 até dezembro de 2017; Sergio Paik: participou no período de abril-outubro/2017; Eugênia Corrêia: participou no período de setembro a dezembro de 2015; Cristiane Izumi Nakagawa: participou de março a setembro de 2015; Gustavo de Oliveira: participou no período/2013 a junho/2014. Também há psicólogos e psicanalistas em atuação nas próprias instituições parceiras, fora do local da MP¹⁶ e contatados pela coordenação do Eixo Saúde¹⁷.

O público atendido pelo serviço é constituído por: imigrantes; solicitantes de refúgio; migrantes nacionais que moram no território; em menor número, migrantes retornados¹⁸ e alguns agentes da instituição¹⁹. Para efeito do atendimento aos migrantes, convém considerar as seguintes definições:

- Migrante (voluntário) é quem escolhe e decide migrar. É um termo genérico e se refere a muitos tipos de migrantes;
- Migrante forçado é quem migra para livrar sua vida do perigo e sem esse perigo, talvez não migrasse. Neste caso, o processo migratório se mostra mais difícil, porque não houve escolha, nem tempo de preparo;
- Solicitante de refúgio é quem quer a condição jurídica de refugiado.

Essas pessoas, muitas vezes, são encaminhadas por outras(os) profissionais da equipe que, geralmente, fazem os primeiros atendimentos e observam sua possível necessidade do serviço, por estarem muito sensíveis, terem sofrido algum trauma ou apresentarem uma característica que lhes faz pensar que seriam “perfil” para o SPs. Porém, é comum que pessoas encaminhadas dessa maneira não apareçam ou cheguem uma única vez. Encaminhamentos de pessoas que já passaram pelo serviço são mais eficazes, porque, em geral, são pessoas interessadas ou necessitadas de um psicólogo e por alguém que recomenda. Outro tipo de encaminhamento menos frequente é o de instituições parceiras ou outros contatos de instituições públicas (por exemplo, escolas) que sabem da existência do serviço.

Mais uma forma é a demanda que surge quando a psicóloga pergunta para as pessoas, na sala de espera, “o que desejam” e nota que elas não falam português e, sim, outra língua na qual podem se comunicar. Essas pessoas, em geral, pedem informações já passadas em português, mas numa velocidade que eles não entenderam²⁰. Então, repassa-se a eles as informações já dadas, porém, em um ritmo mais devagar, tendo em conta o país e a região da qual eles vêm, tentando fazer uma ponte entre esse lugar de origem, ou de trânsito, e a cidade de São Paulo de Brasil. Pode-se cognominar isso de “uma ação de mediação cultural”.

Portanto, as atividades específicas realizadas pelo Serviço Psicossocial no CPMM (Centro de Pastoral e Mediação para os Migrantes) incluem: escuta dialógica em entrevistas de acolhimento ou iniciais (individuais, casal ou família) que, não poucas vezes, constituem uma intervenção única, às vezes com caráter de “triagem”, quando há uma demanda de avaliação; orientação e mediação intercultural, muitas vezes focalizadas no trabalho (individuais ou grupais); psicoterapia breve (individual, casal ou família. A psicoterapia compreende de 4 a 5 sessões); psicoterapia de tempo maior (individuais); intervenções familiares; intervenção grupal: Grupo de Acolhida (GA) na CdM²¹ em sessões de 01h00 a 01h30’, dependendo de serem individuais ou grupais, geralmente agendadas com antecedência.

Unem-se aquelas ações à participação mensal nas reuniões da Rede de Cuidados em Saúde para Migrantes e Refugiados, iniciada no fim de 2012 pela coordenação do Eixo Saúde, da Missão Paz, junto a profissionais e instituições parceiras e à realização de eventuais atividades de apoio: supervisão, oficina de treinamento (Eixo Trabalho da Missão Paz), participação em oficinas grupais para gestantes (Eixo Serviço Social da Missão Paz), seminários sobre a temática (Diálogos no CEM – Centro de Estudos Migratórios/Missão Paz).

Os atendimentos são realizados em espanhol, português e inglês para as modalidades individual, casal e família; e em francês no GA, com a ajuda de intérpretes dessa língua quando necessário²². Na medida do possível, prefere-se usar a língua materna, ou outra conhecida pela pessoa migrante, nos atendimentos, especialmente se essa pessoa é recém-chegada que não se expressa em português como opção de técnica, porque: (1) expressar sentimentos, emoções e ideias numa língua requer um conhecimento aprofundado da mesma, habilidade que a maioria do público não tem; (2) falar a própria língua constitui um elemento de reestruturação para essas pessoas e facilita a comunicação no grupo familiar migrante, consideração também apoiada por Monardez (1994), o qual encontrou que a história familiar e valores culturais de famílias chilenas eram conhecidos e compartilhados quando se falava a língua de origem. Porém, respeitou-se a preferência por falar em português, como aconteceu com filhos de migrantes nascidos ou crescidos no Brasil.

Antes de trazer algumas das situações observadas no decorrer do serviço, é conveniente esclarecer que a migração não é um fato de curta duração, mas um processo que, como bem sabem psicólogos e historiadores, pode envolver várias gerações. E que, nos primeiros momentos, segundo estudos transculturais, em média nos dois primeiros anos (BERRY et al, 1992; SLUZKI, 1979), gera profundas mudanças na pessoa: insegurança, medos diante dos numerosos “desconhecidos”, confusão (de tempo e espaço, pois se vive, minimamente, em dois mundos): aceleração/hiperatividade ou, pelo contrário, depressão e estados de contemplação, euforia pelo novo como um turista, ou a tristeza profunda do exílio como uma ferida aberta, além de diversas manifestações físicas de estresse²³. Por tudo isto, a(o) migrante, principalmente na fase inicial, é uma pessoa em situação de vulnerabilidade pelo próprio processo que vivencia.

4 SITUAÇÕES OBSERVADAS

As pessoas migrantes precisam agir em uma sociedade que desconhecem e para a qual não foram preparadas. Eles aprenderam a língua, códigos culturais, história, geografia de outro país. Esta característica, além do processo psicológico já referido, constitui uma situação específica que os diferenciam e os colocam em desvantagem perante os não migrantes.

Muitas vezes essas pessoas não fizeram uma “escolha consciente” para emigrar ou, especialmente, pelo Brasil como destino de sua migração²⁴. O que conhecem do país (Brasil) se limita a estereótipos veiculados pela mídia (“país do Futebol, do Carnaval”) e, em alguns casos, sua migração parece um “salto no vazio” (YOUNG, 2014^a), pois há muito de idealização e de sonho nas motivações que os trouxeram até aqui, como também considera Silva (1997; 2006). Outras vezes, os “fantasmas” dos quais fogem são uma decorrência de uma multiplicidade de fatores: econômicos, psicossociais, históricos e políticos. Nos casos de migrantes forçados por situações muito concretas, a “escolha”, na maioria das vezes, é feita por terceiros, sejam redes de tráfico humano ou instituições humanitárias. Assim, o despreparo também implica o desconhecimento das vicissitudes próprias do processo migratório.

Não poucas vezes, a migração é um empreendimento familiar, apoia-se em quem terá possibilidade de sucesso e de ajudar ao grupo familiar (o mais preparado, inteligente, valente ou destemido).

A migração afeta a quem migra, ao grupo que o recebe e com o qual convive, e ao grupo deixado. Na pessoa migrante, há a tendência de congelar o tempo-espaço passado na memória, acreditar que tudo segue como quando ela(e) estava lá (no local de origem ou de procedência). No(s) grupo(s) receptor(es) prevalece a imagem de migrante como miserável, que “rouba trabalho” e precisa adotar a cultura e valores da sociedade local, deixando os seus para trás (assimilação²⁵). No(s) grupo(s) de referência deixado(s), há o sentimento de que a pessoa que migrou os abandonou.

Observam-se problemas decorrentes do tipo de trabalho desenvolvido. Por exemplo, nas oficinas de costura, ter de conviver com pessoas desconhecidas no próprio quarto é uma situação nova, não conhecida no país de origem e incômoda para muitos deles; a intensificação dos ciúmes entre casais, quando não dispõem de um ambiente de privacidade; a interferência do patrão no cuidado da saúde dos costureiros e na criação dos filhos, não disponibilizando tempo para a atenção de ambos aspectos.

A ideia de retorno se manifesta de formas distintas em diversos momentos da vida dessas pessoas: desejo de desistir da migração; de visitar os seres e paisagens queridas; impossibilidade de se separar do local de origem ou o sentimento de que esse é o melhor lugar para se morrer. No caso dos solicitantes de refúgio, raramente a manifestam, o que pode expressar uma

estratégia de ocultamento visando conseguir o refúgio, ou ainda a confusão própria do momento e o silenciamento desse desejo pela impossibilidade real de consegui-lo.

Os imprevistos (acidentes, mortes, doenças) que acontecem na vida dessas pessoas têm um peso maior que nos não migrantes, por estarem sem a rede de proteção social que significa a família e os seres queridos. Exemplos vistos recorrentemente são a culpa que lhes gera não poder haver-se “despedido” de um familiar que morreu e o desamparo real que vivenciam no caso deles atravessarem doenças terminais ou graves.

Nas pessoas sobreviventes, chama atenção a força de caráter, principalmente naqueles que são os primeiros a emigrar nas suas respectivas famílias (YOUNG, B. 2014^a). Porém, alguns se culpam por terem sido a única pessoa do grupo (familiar, de amigos etc.) a sobreviver às catástrofes.

A origem da violência que muitos sofreram está associada às guerras, às crises sócio econômicas e políticas às quais essas guerras estavam ligadas e as retroalimentavam. Além disso, também há uma vinculação direta às violências afetivas, simbólicas ou socioeconômicas dos grupos sociais submetidos a processos históricos, políticos, culturais e econômicos de inclusão marginal (MARTINS, 1997) ou exclusão/inclusão (SAWAIA, 2001).

É necessário dizer que ter testemunhado o assassinato de seres queridos, como aconteceu com alguns deles, é uma dor difícil de ser superada e, para alguns, dá início a um luto permanente e que faz do seu exílio “uma marcha infinita de sofrimento” (FACUNDO-NÁVIA, 2014). Essa ferida foi expressa de formas diversas: episódios de insônia e dores de cabeça, dificuldade e resistência à aprendizagem da língua local, impossibilidade de realizar projetos, uso de bebidas alcoólicas (YOUNG, 2014b).

As perdas que esses migrantes sofreram estão relacionadas à rede social da família e seres queridos; à paisagem conhecida; ao contexto cultural e simbólico; ao “*status*” social que tinham, no caso dos migrantes voluntários²⁶. No caso dos migrantes forçados, relacionam-se também às perdas de familiares, às vezes assassinados; à ruptura dos laços sociais decorrente das guerras; expressa em sentimentos ambíguos para com o país e o lar e às perdas materiais, como a destruição de cidades, imóveis e documentos, para mencionarmos as mais comuns.

Em geral, o contato com brasileiros é pouco ou superficial, se mantendo a percepção de não serem escutados nem compreendidos na sociedade local e por isso preferindo a companhia dos pares (do próprio país ou outros migrantes). No entanto, houve casos nos quais, pelo contrário, se deu pouco contato com os pares. Isto obedeceria às diversas estratégias de aculturação usadas²⁷, como o receio de que pessoas do próprio país possam pertencer a grupos dos quais eles fogem e constituir uma ameaça à própria integridade (nos migrantes forçados).

Seja porque a migração também consiste na reconstrução de uma rede social no país de acolhida, o qual é um processo longo (SLUZKI, 1997), ou pelo vínculo social frágil observado em alguns, as situações de solidão pelas quais as pessoas migrantes passam parecem ser maiores que as das não migrantes.

Aqueles migrantes comprometidos com causas sociais nos seus locais de origem expressam solidariedade com os grupos mais desfavorecidos no local de imigração (pessoas negras ou em situação de rua, por exemplo).

Para vários daqueles que estavam abrigados, as pessoas em situação de rua, na cidade de São Paulo, pareciam constituir uma assombração que se rejeitava e temia ao mesmo tempo. Ademais, figuravam como o último nível de uma ladeira abaixo que eles suspeitavam ter iniciado.

Observou-se grande facilidade para aprender a língua portuguesa na maioria dos imigrantes chegados a partir de 2012, data do início do oferecimento de cursos de língua portuguesa gratuitos²⁸, e principalmente naqueles vindos da África. Isto poderia ser compreendido pelo valor dado à língua como meio de inserção no trabalho e na vida social local e pelo fato de eles já serem previamente bilíngues ou trilingues no próprio país.

Para os chegados antes de 2012, que não tiveram oferta gratuita de cursos, e principalmente para os hispano-americanos, não se observou facilidade, nem interesse para o aprendizado da língua, com a consequência de uma limitada inserção trabalhista e social²⁹. Pareceria haver um entendimento de não precisarem da língua portuguesa para o tipo de trabalho realizado (costureiros em oficinas de outros sul-americanos e vendedores ambulantes na maioria dos casos) ou de descartarem a possibilidade de uma melhora na sua inserção trabalhista e social.

Tanto em um como noutro grupo, naqueles em que essa facilidade não se apresentou, pareceu observar-se, os fatores: (1) gênero e ocupação prévia - pessoas encarregadas do “mundo privado”, que faziam trabalho no lar nos seus países de procedência (geralmente mulheres), manifestaram uma certa resistência ao aprendizado da língua; (2) nível de escolaridade - pessoas analfabetas ou com pouca escolaridade pareceram manifestar-se inseguras e resistentes para a aprendizagem formal e escolarizada da língua (oferta apresentada). Não raro, estes fatores se apresentaram associados.

4.1 Casais migrantes

A diferenciação por gênero se faz presente desde o início da migração. Geralmente, mulheres se ocupam dos vínculos afetivos, expressam luto pela ruptura ou descontinuidade dos mesmos e se ocupam com sua preservação futura (criam as famílias transnacionais). Homens tendem a se ocupar dos vínculos instrumentais concretos para a sobrevivência (trabalho).

O membro que demandava suporte antes da migração (afetivamente mais dependente) espera continuar a recebê-lo e aquele que o oferecia se vê sobrecarregado por ter de ocupar-se de muito mais na situação presente de migração, o que desequilibra a relação.

Há dificuldades nos “casais mistos”: um imigrante, outro não; um imigrante de primeira geração e outro descendente, devido a diferentes referenciais culturais³⁰.

4.2 Famílias migrantes

Como a decisão de migrar não é tomada por igual por todos os membros da família, aquele que a tomou (geralmente pai ou mãe, ou o cônjuge homem) se sente culpado pelas dificuldades encontradas no início da migração.

A relação de cuidado com a família (filhos, irmão, esposo) apresentou-se como característica mais ligada ao gênero feminino. Porém, também esteve presente em casais e em alguns homens. Essa função de sustento da economia emocional familiar parecia apresentar uma mudança geracional tênue e progressiva da socialização de gênero em favor de um exercício mais equitativo desta nos mais jovens (YOUNG, 2014b).

Observa-se maior distância cultural entre pais e filhos por causa dos referenciais culturais distintos: para os pais, os referenciais de seu país e cultura; para os filhos, os referenciais do Brasil, país onde crescem e se escolarizam. Porém, uma distância maior, também, referente à diferente cidadania e lugar social perante o Estado Brasileiro: pais estrangeiros, filhos brasileiros.

Os pais se manifestam confusos em relação a quais línguas e valores transmitir aos seus filhos e quase sem tempo para os educarem em razão do investimento da sua vida no trabalho para a sobrevivência da família. Paralelamente, faltam suportes familiares com quem compartilhar esse trabalho (pais-avós e irmãos-tios). Essa confusão se vê intensificada pelas orientações da escola (principalmente pública) ao não falarem a língua materna ou a língua de origem para seus filhos e, sim, o português. A maioria do público atendido na MP não emigrou com conhecimento prévio da língua portuguesa e, portanto, não poderia ser um modelo para o aprendizado dessa língua. No caso dos andinos da rubrica da costura, por exemplo, essa é uma reedição da proibição que seus pais escutaram de não falarem quéchua ou aimará para seus filhos (eles), imposição opressiva daqueles que acreditam ter uma cultura “superior” à do outro (comportamento pós-colonial); atitude que os fragiliza e faz mais difícil seu papel³¹.

A biculturalidade é entendida como a situação de se pertencer a dois universos culturais ou simbólicos, como é claramente o caso dos filhos de migrantes nascidos ou crescidos no país receptor “(...) filhos e netos de imigrantes que vivem entre dois mundos de referências culturais distintas em seu dia a dia, sem terem saído do país onde cresceram, mas que cruzam fronteiras culturais a partir do momento em que saem de suas residências” (DANTAS, 2012, p. 116-117). Essa realidade, não privativa deles³², é quase totalmente desconhecida por migrantes e pela sociedade brasileira. Pelo contrário, confunde-se a cultura com a cidadania com base *jus solis* (direito de nacionalidade com base no local de nascimento), os filhos de migrantes nascidos aqui são considerados simplesmente “brasileiros”, esquecendo-se que eles falam outras línguas com a família dos pais; comem outras comidas

ou “comida brasileira” com outros temperos; que seus pais respondem a outra origem e outros referenciais e que, portanto, enfrentam expectativas diversas às dos colegas brasileiros da escola e do bairro.

A citação a seguir ilustra bem a complexidade da identidade na biculturalidade:

Todos [os migrantes] trazem as constantes negociações necessárias com relação a viverem entre dois mundos culturais, e o constante trânsito entre demandas decorrentes de sua biculturalidade conforme a fase de vida pela qual estão passando, negociando ou como são percebidos por seu entorno, as expectativas externas, as lealdades para com a cultura parental, a necessidade de inserção na cultura majoritária e o que pode ser vivido como uma transgressão a uma ou outra cultura. Tais questões emergem na busca de quem são dentre universos culturais distintos. Suas identidades, atreladas à necessidade de sentirem-se pertencentes, são colocadas em suspenso a todo o momento (DANTAS, 2012, p. 198-199).

Por último, acontecem situações de inversão da autoridade familiar que poderiam ser prejudiciais para a família quando os pais acreditam não terem nada a transmitir aos seus filhos – nem a língua de origem, nem a cultura da que se procede, nem a memória e história familiar (como acontece com grupos que sofreram opressão e são alvo preferido das pressões assimilatórias), já que pelo desconhecimento da língua e dos códigos culturais locais, eles não podem cumprir a função de mediadores entre os filhos crianças e adolescentes com a sociedade (função que cumpriam no seu local de origem). Pelo contrário, os filhos na escola são demandados a representar a família como porta-vozes ante as instituições da sociedade (bancos, hospitais etc.). Como esses pais já se encontram fragilizados pelas urgências do processo migratório dos primeiros momentos; há o risco de os filhos, principalmente adolescentes, se comportarem como órfãos, mais expostos às influências do meio social, nem sempre positivas. Nestes casos, há uma fratura da transmissão entre as gerações (CARIGNATO, 2002b).

5 DESAFIOS

O primeiro desafio é que serviços como este contam com o principal desafio de poder atender a pessoa migrante da melhor forma, perante a diversidade da sua cultura, língua e complexidade de circunstâncias que a trazem até aqui. O que demanda abertura para o novo e o constante aprimoramento de diversas ordens; tarefa difícil, pois nem sempre contemplada no âmbito da ação institucional e, em consequência, deixada ao interesse particular e ao investimento individual da(o) profissional.

O segundo desafio é conseguir desenvolver um trabalho interdisciplinar nas equipes dentro das instituições, como transdisciplinar em rede. Para isso, também há empecilhos, pois muitas vezes nos deparamos com uma imagem cristalizada da(o) profissional psicólogo como a de um(a) clínico(a), que trataria com o não sadio, por um lado, e, por outro, como limitado na sua formação para uma ação social. Assim, este profissional é pouco requisitado quando se pensa em estratégias de acolhimento e apoio aos migrantes de forma integral.

6 PALAVRAS FINAIS

Pensa-se que a Psicologia no campo da migração tem muito a fazer e dizer ainda e se espera que o futuro deste serviço, assim como o de outros semelhantes, possa caminhar no sentido de um trabalho muito mais articulado com o interior da instituição e além dela, com o objetivo de colocar a perspectiva psicológica a serviço do fim comum e fazer um melhor trabalho interdisciplinar que a complexa realidade da migração requer.

NOTAS

¹ O TCC do Curso de Aprofundamento em Saúde Mental, Imigração e Interculturalidade, oferecido pela UNIFESP no segundo semestre do ano 2018, coordenado pelas Dras. Sylvia Dantas e Débora Galvani, no qual a autora contou com a orientação e revisão da Dra. Carmen Lúcia Albuquerque Santana, que deu boas sugestões para o melhoramento do material utilizado como base do presente artigo. Aproveita-se este momento para expressar-lhe sincera gratidão.

² Descendente de imigrantes, tanto nacionais como internacionais. Neste último caso, gerações atrás.

³ Não por acaso, o projeto de atendimento psicanalítico a imigrantes do Instituto Sedes Sapientiae se chama “Ponte”.

⁴ Nome anterior ao de Missão Scalabriniana da Paz. “Pastoral” é a denominação que a Igreja Católica dá a cada um dos seus projetos de atuação social. No caso desse artigo, a denominação se aplica a Pastoral do Migrante.

⁵ Biodanza é um sistema integrativo de expressão corporal, música e dança em experiências grupais. O nome foi patenteado em espanhol. Informações em <<http://www.escoladebiodanza.com.br/>>. Acesso em 9/abr/2019

⁶ Associação que administrava o abrigo para imigrantes que, depois se dissolve e reestrutura com o nome de “Casa do Migrante”.

⁷ Nessa ordem de aparecimento.

⁸ <<http://www.missaonspaz.org/menu/quem-somos/historia>>. Acesso em 8/abr/2019.

⁹ Falta devida à limitação do tempo para encontrar referências bibliográficas que apoiem este conhecimento informal.

¹⁰ Decasségui é um termo que se refere ao trabalhador que tem de sair do país para trabalhar. Assim foram chamados os cidadãos japoneses ou descendentes nipo-brasileiros (nikkeis, filhos ou sanseis, netos) que, nos meados da década de 1980 começaram a ir para o Japão por trabalho.

¹¹ Nesse tempo, Caritas era a representante de ACNUR em São Paulo, dado que esta organização somente tinha sede em Brasília.

¹² <<https://www.facebook.com/pqsocialcultural/>>. Acesso em 9/abr/2019.

¹³ Mais informações em <https://www.veredaspsi.com.br/> Acesso em 9/abr/2019.

¹⁴ <<http://sedes.org.br/site/clinica-psicologica/projetos-da-e-na-clinica/projeto-ponte-atendimento-psicanalitico-para-imigrantes-e-migrantes/>>. Acesso em 9/abr/2019.

¹⁵ Atualmente a Clínica Transcultural do Centro de Atendimento Psicanalítico da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

¹⁶ A cargo da Dra. Elaine Cristina Camilo da Silva até mar/2019 e da enfermeira Gláucia Maria Rodrigues, a partir de então.

¹⁷ Brasileiros retornados de migrações internacionais.

¹⁸ Sejam estes voluntários ou funcionários.

¹⁹ A quantidade de público que os outros serviços da MP atendem, em geral, é superior à do SPss. A demanda, a perspectiva e modo de trabalho são outras em relação a da psicológica deste serviço.

²⁰ Dispositivo grupal que oferece um espaço transicional de encontro de si, de aprendizado de si e dos outros, de suporte e apoio ante a situação de estranhamento e tenta evitar que a crise vivenciada pelo deslocamento ocasione uma total desestruturação da pessoa.

²¹ Quando não há um profissional fluente em língua francesa na equipe, como aconteceu a maioria das vezes, com exceção de 2016 e 2017. Atualmente, realiza esse labor o estagiário em Psicologia Gustavo Crivello Cesar, anteriormente: Josefina Bondsundy (out-dez/2015-jan/2016), Bia Ribeiro (mai- jul/2015), Zuelí Guerreiro (ago/2015), Godlieve (mai/2013).

²² Chamado de estresse de aculturação pela Psicologia Intercultural (BERRY et al, 1992).

²³ Como sustentava a Teoria dos fatores de expulsão-atração.

²⁴ Esta não só pode ser uma imposição ou ideal percebido pela sociedade local, mas uma opção ou, inclusive, uma estratégia usada pela pessoa migrante, como menciona Dantas (DANTAS, 2012, p.118).

²⁵ Em consonância com Dantas (DANTAS, 2012, p. 116).

²⁶ Aculturação se refere às formas de ressocialização na nova cultura: assimilação, separação, integração ou marginalização. Estas obedecem ao desejo ou possibilidade de manter contato com a cultura majoritária e de se preservar a própria identidade cultural (DANTAS, 2012, p. 118).

²⁷ Na Missão Paz e outras organizações da sociedade civil dedicadas ao trabalho com migrantes. Antes disso, somente Caritas, em parceria com o SESC- Carmo, oferecia o curso de português para as pessoas por eles atendidas.

²⁸ Por vezes, reduzida a uma economia e sociabilidade de gueto.

²⁹ Isto, porque: “As pessoas que foram socializadas na mesma cultura compartilham de uma “memória” e de um quadro de referência comum para a projeção das ações individuais (...) uma memória de passado e quadro de referência do futuro” Berger e Luckman, 2002 citado em DANTAS, 2012, p. 115.

³⁰ MAHER (2007) trata, excelentemente, este tema em “Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural”.

³¹ Pois, os imigrantes, no geral, também tomam características da sociedade receptora, como se verá mais em diante.

REFERÊNCIAS

BERRY, J.; POORTINGA, Y.; SEGAL, M.; DASEN, P. Acculturation and Culture Contact. In: BERRY, J. W. et al. **Cross-cultural Psychology: Research and Applications**. Cambridge, Cambridge U. P., 1992, p. 271- 291.

CARIGNATO, T. Apresentação: Por quê eles emigram? In: CARIGNATO, T; ROSA, M.; PACHECO, A. **Psicanálise, Cultura e Migração**. São Paulo:, Editora YM, 2002 a. p. 7-14; 55-66.

_____. O lugar do sujeito nas migrações contemporâneas: A experiência Dekasegui. In: DeBIAGGI, S.; PAIVA, G. **Psicologia, E/Imigração e Cultura Migração**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 227-248.

_____. Passagem para o desconhecido. Um estudo psicanalítico sobre migrações entre Brasil e Japão. In: De BIAGGI, S.; PAIVA, G. **Psicologia, E/Imigração e Cultura Migração**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002b: p. 25-48.

CARIGNATO, T.; ROSA, M.; BERTA, S. Imigrantes, migrantes e refugiados. Encontros com a radicalidade estrangeira. **REMHU**, Ano XIV, nº 26 e 27, 2006, p. 93-118.

CARNEIRO Jr, N. et al. A experiência da construção da política municipal de saúde para imigrantes e refugiados na cidade de São Paulo (2015-2016). In: GOLDBERG A.; SILVEIRA C.; MARTÍN COVIELLO D.. (Org.). **Migração, Refúgio e Saúde**. 1ª ed. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2018, v., p. 251-260.

DANTAS, S. Saúde Mental e Interculturalidade; Orientação e Psicoterapia Intercultural In: DANTAS, S (org.). **Diálogos Interculturais: Reflexões Interdisciplinares e Intervenções Psicossociais**, São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo,

2012. p. 109-132; 189-206. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/pesquisa/grupos-de-pesquisa/dialogos-interculturais/publicacoes/dialogosinterculturais.pdf>. Acesso em 9/abr/2019.
- ESCOLA DE BIODANZA Disponível em <<http://www.escoladebiodanza.com.br>>. Acesso em 9/abr/2019.
- FACUNDO-NÁVIA, A. Êxodo e narrativas de sofrimento: População deslocada em Bogotá. In: SANTOS, M. et al (Org.). **Caminhos da Migração**: memória, integração e conflitos. 1ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Léo Christiano Editorial, 2014, v. 1, p. 325-338.
- GAETA, R. et al. A implantação da política municipal de saúde para imigrantes e refugiados na cidade de São Paulo/SP. In: ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE & SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DA CIDADE DE SÃO PAULO. **Inovação e Direito à Saúde na cidade de São Paulo** (2013-2016). 1ª ed. Brasília (DF), 2017, Publicações OPAS, p. 39-52.
- GRUPO VEREDAS. Disponível em: < <https://www.veredaspsi.com.br/>> Acesso em 9/abr/2019.
- KOLTAI, C. A guisa de Final. In: KOLTAI, C. **Política e Psicanálise**. O estrangeiro. São Paulo: Escuta, 2000. p. 143-149.
- MAHER, T. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007, p. 67-94.
- MARTINS, J.. O falso problema da exclusão e o problema social da inclusão marginal. In: MARTINS, J. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo, Paulus, 1997, p 25-38. Fotocopia.
- MISSAO PAZ. Dispniável em <<http://www.missaonspaz.org/menu/quem-somos/historia>>. Acesso em 8/abr/2019.
- MONARDEZ, T. **Identidade étnica e aculturação do emigrante chileno residente na Grande São Paulo, que emigrou após do golpe militar de 1973**: As influências da imigração no processo da construção da identidade. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1994..
- NAKAGAWA, Kyoko. **Projeto Kaeru**: 10 anos. São Paulo: Benjamin Editorial, 2018. p. 13-22.
- PROGRAMA DE PSIQUIATRIA SOCIAL E CULTURAL DO INSTITUTO DE PSIQUIATRIA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS Disponível em: <<https://www.facebook.com/pqsocialcultural/>> . Acesso em 9/abr/2019.
- PROJETO PONTE. Disponível em:< <http://sedes.org.br/site/clinica-psicologica/projetos-da-e-na-clinica/projeto-ponte-atendimento-psicanalitico-para-imigrantes-e-migrantes/>> . Acesso em 9/abr/2019.
- SANTANA, C.; LOTUFO-NETO, F. Psicodinâmica e Cultura- A implantação de um serviço para refugiados em São Paulo. In: De BIAGGI, S.; PAIVA, G. **Psicologia, E/Imigração e Cultura Migração**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 165-190.

SAYAD, A. Introdução e O que é um imigrante. In: _____. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998. p. 13-23.

SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2001. 156 p.

SILVA, S. **Costurando sonhos** – Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. **Estudos Avançados: Migrações**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 157-170, mai-ago. 2006.

SLUZKI, C. Migration and Family Conflict. **Family Process**, 18 (4), 1979 p. 379- 390.

_____. O processo de migração: um experimento natural de ruptura e reconstrução da Rede Social. In: _____. **A Rede Social na prática Sistêmica- Alternativas terapêuticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p 87- 98.

YOUNG, B. Aspectos da vivência imigratória de um grupo de sul-americanos em situação de albergue na cidade de São Paulo. In: SANTOS, M. et al (Org.). **Caminhos da Migração**: memória, integração e conflitos. 1ª ed., Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2014a, v. 1, p. 245-259.

_____. **Sul-americanos atendidos no Centro Pastoral do Migrante na cidade de São Paulo** –Resgate da memória do atendimento a oitenta e seis migrantes entre 2001 e 2004- São Paulo., Tese (Doutorado). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2014b. 118 p.

YOUNG, B.; SILVA, E. C. Organizações da sociedade civil e apoio aos imigrantes. In: GOLDBERG A.; Cássio SILVEIRA C.; MARTIN COVIELO, D. (Org.). **Migração, refúgio e saúde**. 1ª ed. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2018, v., p. 263-279.

RESUMO

Este texto apresenta o Serviço Psicossocial (SPss) do Eixo Saúde da Missão Paz, pertencente à Congregação dos Padres Scalabrinianos, serviço de acompanhamento psicológico para todo tipo de migrantes, o contexto da sua criação (apresenta-se um quadro dos primeiros serviços “psi” na cidade de São Paulo) e seus pressupostos teórico-metodológicos, a saber: (1) a postura fenomenológico-existencial que sustenta que práticas profissionais com determinados grupos podem partir de vivências refletidas de pessoas que mantêm características semelhantes aos mesmos, dentro do qual a técnica é a escuta-dialógica, e (2) a “Psicologia da Migração”. Também se descreve uma gama ampla de situações observadas no atendimento a pessoas migrantes chegadas a São Paulo, Brasil, entre 2001 e 2019. Por último, se aponta uma reflexão sobre a prática da Psicologia para além da própria instituição no qual o serviço está inserido.

Palavras-chave: Serviço psicossocial; migrantes - Brasil; perspectiva fenomenológico existencial; psicologia da migração.

ABSTRACT

This text presents the Health Action Psychosocial Service from the Scalabrinian International Migration Network in the city of São Paulo, a psychological service for all type of migrants (immigrants, national ones, refugee seekers, refugees and returned Brazilian migrants), the context of its creation (it's shown a chart with the first "psy" services in the city) and its theoretical and methodological backgrounds: (1) the phenomenological and existential perspective, standing that professional practices with certain groups can start from the reflected revision of experiences of people that share similar characteristics and, in its technique: the dialogical listening and (2) the "Psychology of Migration". It's also described a broad number of situations observed in caring to migrants to São Paulo Brazil from 2001 to 2019. At last, it's point out a reflection about psychological practice beyond the same institution where the service is part of.

Keywords: Psychosocial service; migrant- Brazil; phenomenological and existential perspective; psychology of migration